

OS LIMITES DA ANTROPOLOGIA: IMPACTOS DO DARWINISMO SOCIAL E DA EUGENIA NAS PROPOSTAS DE ENGENHARIA SOCIAL ENTRE OS FINAIS DO SÉCULO XIX E MEADOS DO (SÉCULO) XX¹

Daniel F. Giesbrecht
Centro de Estudos Interdisciplinares (CEIS20 - Universidade de Coimbra)
prof.danielflorence@gmail.com
ORCID: 0000-0003-4142-6860
Agosto 2024

ARIES.ISSN 2530-7843

O trajeto percorrido desde o “jardim de Darwin” até o “labirinto social” revela uma complexa interação entre a ciência, a ideologia e a sociedade. Darwin plantou as sementes de uma revolução científica com sua teoria da evolução, fornecendo uma nova compreensão da vida e suas variações. No entanto, conforme essas ideias foram transpostas para o terreno social, a “pureza” do jardim darwiniano tornou-se um labirinto de justificativas ideológicas, onde o darwinismo social e a eugenia passaram a ser usados como ferramentas para legitimar desigualdades e políticas de exclusão.

Resumo: O artigo analisa a transição das ideias evolucionistas de Charles Darwin, do campo biológico para o social, destacando como a teoria da seleção natural foi usada para justificar desigualdades sociais e raciais, culminando no darwinismo social e na eugenia. Em Portugal e no Brasil, essas teorias tiveram influência sobre políticas públicas, moldando ideologias nacionais diversas. O artigo alerta para os riscos de descontextualizar teorias científicas, tornando-as justificativas ideológicas que perpetuam opressão. A análise, fundamentada em bibliografias sobre o tema, revela que a ciência, apesar de ser neutra, pode ser manipulada para atender a interesses específicos, ressaltando a importância de uma análise crítica de suas aplicações sociais para promover a justiça e a equidade.

Palavras-chave: Darwinismo Social; Eugenia; Antropologia; Brasil. Portugal.

Abstract: The article analyzes the transition of Charles Darwin's evolutionary ideas from the biological to the social sphere, highlighting how the theory of natural selection was used to justify social and racial inequalities, culminating in social Darwinism and eugenics. In Portugal and Brazil, these theories influenced public policies, shaping diverse national ideologies. The article warns of the risks of decontextualizing scientific theories, turning them into ideological justifications that perpetuate oppression. The analysis, grounded in relevant literature, reveals that science, despite its neutrality, can be manipulated to serve specific interests, emphasizing the importance of a critical examination of its social applications to promote justice and equity.

Keywords: Social Darwinism; Eugenics; Anthropology; Brazil; Portugal.

DO “JARDIM DE DARWIN” AO “LABIRINTO SOCIAL”

“É notável ver como Darwin reconhece nos animais e nas plantas a sua própria sociedade inglesa, com sua divisão do trabalho, sua concorrência, suas aberturas de novos mercados, suas ‘invenções’ e sua malthusiana ‘luta pela vida’” (Karl Marx)²

¹ Este trabalho é financiado por fundos nacionais e comunitários através da FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia pela bolsa de doutoramento 2021.04805.BD.

² MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Lettres sur les sciences de la nature*. Trad. J. P. Lefebvre. Paris: Éditions Sociales, 1973.

Em 24 de novembro de 1859, o mundo testemunhou um dos eventos mais significativos na história das ciências: a publicação da primeira edição de *A Origem das Espécies* por Charles Darwin (1809-1882)³. Este acontecimento marcou a introdução de uma nova e impactante teoria evolucionista amparada pelos princípios da seleção natural entre os seres vivos.

A epígrafe que inicia esta seção é um trecho de uma correspondência entre Karl Marx (1818-1883) e seu amigo Friedrich Engels (1820-1895), datada de 1862, que demonstra os impactos dos trabalhos de Charles Darwin nos intelectuais de sua época. Nesse excerto, Marx apresenta a aplicação do evolucionismo darwiniano como uma ferramenta para explicar a realidade da sociedade capitalista inglesa.

Na Inglaterra, os benefícios da expansão do capital eram evidentes, porém, simultaneamente, surgiam as consequências sociais de um sistema que exacerbava as diferenças entre as classes privilegiadas e a população que compunha a mão de obra do país. Marx demonstrou um esforço significativo para integrar os princípios darwinistas em uma análise crítica da sociedade. Entretanto, outros pensadores utilizaram esses mesmos princípios para justificar e explicar a estratificação social resultante do capitalismo industrial. Essa abordagem alternativa deu origem ao darwinismo social⁴.

As teorias cultivadas por Darwin em seu “jardim” reanimaram debates preexistentes, como as propostas de Herbert Spencer (1820-1903), que aplicaram conceitos como evolução, competição e adaptação ao aspecto da vida humana. Diante disso, o darwinismo social pode ser definido como a aplicação das leis da teoria da seleção natural de Darwin às sociedades, fornecendo a base para o surgimento da ideia de progresso civilizacional. Embora não se observassem diferenças de espécies na sociedade humana, as distinções raciais eram destacadas. Conseqüentemente, muitos estudos foram empreendidos para corroborar a existência de raças entre os seres humanos, com o intuito de classificar quais seriam “superiores” e quais “inferiores”. A partir da premissa de que a sociedade europeia ocidental representava o ápice da civilização, diversos grupos étnicos foram designados como “primitivos” ou “selvagens”, que resultaram na formulação de estereótipos, os quais encarnavam o paradigma da modernidade ocidental.

Dessa forma, o darwinismo social ganhou destaque como uma ideologia que posicionou os grupos caucasianos no topo de uma escala evolutiva⁵. O “labirinto social” resultante das múltiplas interpretações do darwinismo, que colocaram à prova os limites do conhecimento moderno, tiveram um reflexo substancial na história das relações políticas, econômicas e sociais em diversos tempos e espaços, legitimando práticas discriminatórias e violentas contra grupos considerados

³ DARWIN, Charles Robert. *On the origin of species by means of natural selection, or the preservation of favoured races in the struggle for life*. London: John Murray Albemarle Street, 1859.

⁴ BOLSANELLO, Maria Augusta. “Darwinismo social, eugenia e racismo “científico”: sua repercussão na sociedade e na educação brasileiras” In *Educar*, n. 12, pp.153-165, 1996, pp. 153-154; NUNES, João Paulo Avelãs. “Darwinismo social e antisemitismo: o caso português” In *Cultura, Espaço & Memória*, n. 5, pp. 117-132, 2014, pp. 119-121.

⁵ O conceito de “ideologia” é utilizado conforme a análise do sociólogo Raymond Williams, que a distingue das teorias culturais idealistas. Williams sustenta que o estudo de uma ideologia e suas produções são uma forma de filosofia idealista, mas salienta a relevância de se referir a processos concretos, práticas sociais e relações culturais. Esses elementos são essenciais para o estudo da cultura, ao criar modos de ser dinâmicos e concretos, com continuidades, conflitos, inovações e mudanças reais. WILLIAMS, Raymond. *Cultura e Sociedade: De Coleridge a Orwell*. Petrópolis: Editora Vozes, 2021.

inferiores. De acordo com Achille Mbembe, o núcleo complexo a partir do qual o projeto moderno de conhecimento se estruturou correspondeu também a um sistema racional de governação, evidenciados pelo que o autor aponta por delírio produzido pela modernidade que, enquanto uma projeção ideológica, acabou por incidir diretamente na perspectiva conceitual de 'necropolítica'⁶. Ou, como, também observou Walter Benjamin, essa modernidade, enraizada em uma tradição eurocêntrica caracterizada pela ênfase na racionalidade e na homogeneização, frequentemente marginalizava outras perspectivas culturais, sacrificando a autenticidade em prol de uma visão de mundo uniformizada que impactava tanto a cultura quanto a sociedade e a vivência humana⁷.

Com a consolidação do paradigma darwiniano entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, as influências das ciências naturais se intensificaram de tal forma em outros campos do conhecimento que, por exemplo, na Antropologia, são perceptíveis até os dias atuais, especialmente nos métodos forenses, na antropologia física e na arqueologia. Surgia, assim, uma "ciência de estudo do homem", que começava a refletir a história humana como um processo delimitado por fases de menor ou maior grau de desenvolvimento, no qual os seres humanos progrediam ao longo de uma linha cronológica contínua, configurando um verdadeiro processo de evolução social e cultural. Foi sob esta perspectiva que Herbert Spencer, na segunda seção de seu livro *The Principles of Sociology* [Os Princípios da Sociologia], intitulada *The Inductions of Sociology* [As Induções da Sociologia], concluiu que a Antropologia Cultural deveria empregar os mesmos métodos e ferramentas teóricas da Antropologia Física⁸.

Mas essa história não terminaria aqui. Impactado pelos postulados de Charles Darwin e pelas subsequentes discussões, seu meio-primo Francis Galton (1822-1911) ampliou seus estudos para a hereditariedade humana, sugerindo a possibilidade de melhoramento racial por meio de reproduções seletivas e racionais. Em 1883, ano da publicação de sua obra *Inquiries into Human Faculty and Its Development* [Investigação da Capacidade Humana e seu Desenvolvimento], ele utilizou pela primeira vez a expressão "eugenia", esta derivada do grego antigo eû (bom) e-γενής (origem), refletindo a ideia de "bom nascimento"⁹. Galton saudou a eugenia como uma nova ciência, cujo pressuposto básico era a aplicação social dos novos conhecimentos da biologia e da hereditariedade para obter o aperfeiçoamento racial na população humana.

A eugenia parecia ser a concretização pragmática dos ideais do darwinismo social, particularmente no que se refere à sobrevivência dos mais aptos e à preservação de uma raça "superior", através da implementação de medidas que garantissem a prevalência dos indivíduos mais fortes sobre os mais fracos, visando à salvação e aprimoramento da raça. Além disso, no início do século XX, a redescoberta dos princípios genéticos de Gregor Mendel (1822-1884) influenciou significativamente a

⁶ MBEMBE, Achille. *Necropolítica: Biopoder, Soberania, Estado de Exceção, Política da Morte*. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

⁷ GIESBRECHT, Daniel Florence. "Racismo e xenofobia contra imigrantes Japoneses - o poder legislativo Brasileiro como instrumento de exclusão" In *Biblos*, n. 9, pp. 447-468, 2023, pp. 449-450.

⁸ SPENCER, Herbert. *Principles of Sociology (Vol. I)*. New York: D. Appleton and Company, 1897.

⁹ GALTON, Francis. *Inquiries into human faculty and its development*. Londres: Macmillan, 1893.

eugenia¹⁰. A compreensão dos mecanismos da hereditariedade, particularmente a identificação de caracteres dominantes e recessivos, levou os eugenistas a acreditar que bastaria determinar quais caracteres nocivos eram dominantes e, assim, estabelecer procedimentos para impedir sua proliferação. Essa convicção científica impulsionou políticas e práticas que buscavam controlar a reprodução humana com base em pressupostos genéticos, na crença de que a intervenção direta poderia melhorar a “qualidade” das futuras gerações, em consonância com os ideais de progresso e civilização tão caros à modernidade. Conforme Michel Foucault argumentou, esse ideal adquiriu complexidades crescentes na forma de ‘biopoder’, conceito este que se concentra em fenômenos coletivos, como natalidade, longevidade e mortalidade, ambientando o surgimento do pensamento eugênico¹¹.

O trajeto percorrido desde o “jardim de Darwin” até o “labirinto social” revela uma complexa interação entre a ciência, a ideologia e a sociedade. Darwin plantou as sementes de uma revolução científica com sua teoria da evolução, fornecendo uma nova compreensão da vida e suas variações. No entanto, conforme essas ideias foram transpostas para o terreno social, a “pureza” do jardim darwiniano tornou-se um labirinto de justificativas ideológicas, onde o darwinismo social e a eugenia passaram a ser usados como ferramentas para legitimar desigualdades e políticas de exclusão. Esse labirinto, com suas múltiplas ramificações e consequências, nos mostra que o uso da ciência fora de seu contexto original pode levar a distorções que afetam profundamente a estrutura social e a dignidade humana.

DARWINISMO, EUGENIA E IDENTIDADE NACIONAL: A RECEPÇÃO DAS TEORIAS EVOLUCIONISTAS EM PORTUGAL E NO BRASIL

As teorias eugênicas foram recebidas e implementadas de maneira difusa, com significativas diferenças conforme o tempo e o local, gerando discussões que tocavam aspectos éticos, morais e religiosos¹². O exame dos efeitos do darwinismo social e da eugenia em Portugal e no Brasil, desde o final do século XIX até a década de 1940, demonstra um período de intensas mudanças sociais, políticas e científicas que adaptaram essas ideias de forma específica em cada país, influenciando suas políticas públicas, práticas sociais e ideologias de maneira distinta.

Em Portugal, a incidência dessas teorias foi amplificada pela situação da transição do monarquismo para o Estado Novo, com uma ênfase acentuada no nacionalismo e na questão racial. No final do século XIX, o país atravessava uma crise monárquica catalisada pelo “Ultimatum” britânico de 1890, que exigia a retirada das tropas portuguesas de uma vasta região entre Moçambique e Angola. Essa capitulação foi

¹⁰ Cientistas retomaram os experimentos do monge austríaco Gregor Mendel sobre o arranjo e a recombinação de caracteres hereditários em plantas. Esses experimentos se tornaram essenciais para o entendimento moderno da hereditariedade. De acordo com Garland Allen, a retomada dos trabalhos de Mendel forneceu a base científica necessária para a consolidação da genética como uma disciplina essencial na Biologia moderna. ALLEN, Garland E. “Mendel e a genética moderna: o legado para hoje” In *Endeavour*, v. 27, n. 2, pp. 63-68, 2003, pp. 65-66.

¹¹ FOUCAULT, Michel. “Direito de morte e poder sobre a vida” In FOUCAULT, Michel. *A história da sexualidade: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1997.

¹² Ver: TURDA, Marius; GILLETTE, Aaron. *Latin eugenics in comparative perspective*. London: Bloomsbury, 2014; WEBER, Maria Julieta. “Pensamento Eugênico e Educação: Princípios Formativos da Nacionalidade Brasileira na Primeira Metade do século XX” In *Poiésis*, v. 16, n. 29, pp. 55-72, 2022.

astutamente explorada pelo movimento republicano, que adotou o discurso de regeneração da “raça portuguesa” com uma aspiração nacionalista e antiaristocrata¹³.

Álvaro de Campos, um dos heterônimos de Fernando Pessoa (1890-1935), em seu poema *Ultimatum*, apresenta uma crítica ao estado de degeneração percebido na população portuguesa, ao mesmo tempo, em que exalta nostalgicamente o passado glorioso da nação. Essa obra explicita um notável desconforto e dificuldade de compreensão sobre a situação geopolítica de Portugal nas últimas décadas do século XIX, refletindo a complexidade histórica daquele período¹⁴.

Autores como Antero de Quental (1842-1891), Ramalho Ortigão (1836-1915), Teófilo Braga (1843-1924) e Júlio de Vilhena (1845-1928) foram influenciados pelo darwinismo em suas obras. Essas influências são particularmente evidentes nas tentativas de formularem explicações raciais que posicionassem os portugueses na cadeia evolutiva em relação aos outros povos europeus¹⁵. Nesse enquadramento, as ideias eugênicas, em particular as de carácter ambientalista, começaram a ganhar espaço no cenário intelectual e científico português¹⁶.

Quanto ao Brasil, país marcado por uma diversidade étnica significativa, o darwinismo e a eugenia tiveram um alcance considerável, alimentando posicionamentos divergentes. Por exemplo: o intelectual Silvio Romero (1851-1914), da Faculdade de Direito do Recife, percebia a mestiçagem brasileira como um fator positivo, acreditando que ela contribuiria para uma nação igualitária e democrática. Outros estudiosos, como Oliveira Viana (1883-1951), do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, e Nina Rodrigues (1862-1906), da Faculdade de Medicina da Bahia, também aplicaram o evolucionismo às raças, o que, sob essa perspectiva científica, sugeria a inviabilidade do país¹⁷.

Na esteira do racismo científico, a tese do branqueamento populacional ganhou força, passando de teoria à política pública, pois sugeria que algumas misturas genéticas eram mais favoráveis que outras. João Batista Lacerda (1846-1915), diretor do Museu Nacional do Rio de Janeiro, defendia a imigração de indivíduos brancos, acreditando que, em menos de cem anos, a população brasileira se tornaria completamente branca e, conseqüentemente, “regenerada”¹⁸.

¹³ VAQUINHAS, Irene. “O conceito de decadência fisiológica da raça e o desenvolvimento do desporto em Portugal (finais do séc. XIX/princípios do séc. XX)” In *Revista de História das Ideias*, v. 14, n. 14, pp. 356-388, 1992, p. 370.

¹⁴ CAMPOS, Álvaro de. *Ultimatum*. Porto: Editorial Cultural, 1951. Sobre o “Ultimatum” britânico, ver: PATRÍCIO, Miguel. “Do Ultimatum de 1890 ao Tratado Luso-Britânico de 1891 - ensaio de história diplomática” In *Revista do Instituto do Direito Brasileiro*, v. 2, n. 10, pp. 11371-11413, 2013.

¹⁵ Ver: PEREIRA, Ana Leonor. *Darwin em Portugal: filosofia, história, engenharia social (1865-1914)*. Coimbra: Livraria Almedina, 2001.

¹⁶ MATOS, Patrícia Ferraz de. “Aperfeiçoar a ‘raça’, salvar a nação: eugenia, teorias nacionalistas e situação colonial em Portugal” In *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, v. 50, pp. 89-111, 2010.

¹⁷ SCHWARCZ, Lília Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

¹⁸ *Ibid.*

A redenção de Cam (1895)



O óleo sobre tela *A redenção de Cam*, datado de 1895 e produzido pelo pintor espanhol radicado no Brasil Modesto Brocos (1852-1936), é um exemplo de influência da disseminação das teorias de branqueamento, derivadas do darwinismo social dos finais do século XIX. Localização: Museu Nacional de Belas Artes, Brasil.

No aspecto político, por exemplo, durante as discussões da Assembleia Nacional Constituinte de 1933-1934, Miguel de Oliveira Couto (1865-1934), conhecido presidente da Academia Nacional de Medicina e organizador do primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia em 1929, pronunciou um “ácido” discurso contra a imigração antes de defender a proposta de emenda n.º 21-E, de sua autoria, claramente influenciada pelo *Johnson-Reed Act*, aprovado nos Estados Unidos em 1924, que tinha como objetivo limitar a entrada de asiáticos no Brasil a 5% ao ano e proibir a imigração africana¹⁹. Portanto, o que hoje é reconhecido como preconceito era, na época, considerado um conceito científico legítimo.

A Igreja Católica, influente na vida social e política, alternava entre apoiar e condenar aspectos dessas propostas de engenharia social, gerando uma tensão constante entre ideais científicos e valores religiosos. O Estado Novo em Portugal alinhou-se com membros importantes do clero, promovendo uma visão nacionalista que, embora inspirada por princípios eugênicos regeneradores, era temperada pelos valores cristãos de caridade e moralidade. Já no Brasil, a influência católica evidenciou-se na resistência a práticas eugênicas extremas, como a esterilização forçada e interferências no matrimônio. Entretanto, em alguns casos, a Igreja apoiou

¹⁹ GIESBRECHT, op. cit., pp. 454-455.

biopolíticas de caráter preventivo, desde que não comprometessem seu monopólio interpretativo sobre a sexualidade e a reprodução, visando manter o controle sobre os corpos dos fiéis²⁰.

Em suma, a comparação dos impactos do darwinismo social e da eugenia em Portugal e no Brasil elucidam como conceitos científicos foram instrumentalizados segundo as particularidades culturais, históricas e religiosas de cada país. Analisar cada um desses domínios, complexos e multifacetados, requer abordagens interdisciplinares que integrem diversas áreas do conhecimento, incluindo história, ciências sociais, psicologia, medicina, educação e religião. Além disso, é imprescindível examinar esses temas a partir de uma perspectiva regional, reconhecendo a importância das peculiaridades culturais na formação das identidades e nas dinâmicas sociais ao longo do tempo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória do “Jardim de Darwin” até o “Labirinto Social” não é apenas uma metáfora histórica, mas uma advertência sobre o poder das ideias científicas quando transpostas para o mundo social sem a devida cautela e compreensão crítica.

No século XIX, Darwin lançou as sementes de uma revolução no pensamento científico ao propor a teoria da evolução por seleção natural, fornecendo uma nova lente para compreender a vida em suas diversas formas. No entanto, como qualquer ideia poderosa, sua teoria não ficou limitada ao campo da biologia. A seleção natural foi utilizada por intelectuais e aplicada em contextos sociais para justificar desigualdades sociais, raciais e econômicas, culminando no que é conhecido como darwinismo social. Esse movimento ideológico, que enfatizava a competição e a sobrevivência dos mais aptos, rapidamente se entrelaçou com outras ideias eugenistas, criando um complexo de justificativas que buscavam legitimar políticas de exclusão e opressão.

Esse labirinto ideológico é ilustrativo do fato de que a ciência, quando descentrada e aplicada indiscriminadamente, pode se transformar em uma ferramenta para perpetuar injustiças. O darwinismo social e a eugenia demonstram como teorias científicas podem ser manipuladas para atender a objetivos específicos, muitas vezes disfarçados sob o manto do progresso e da civilização. A aplicação dessas ideias em práticas políticas, como as de caráter eugênicas de esterilização forçada e controle populacional, exemplificam o perigo de se aplicar conceitos biológicos a questões sociais, ignorando a complexidade e a dignidade da experiência humana.

A comparação entre os impactos dessas teorias em Portugal e no Brasil revela a influência de contextos históricos e culturais distintos na recepção e implementação dessas ideias. Em Portugal, tanto o darwinismo social quanto a eugenia contribuíram para reforçar um nacionalismo racial durante a transição para o Estado Novo, refletindo a ansiedade de uma nação que buscava a afirmação diante de uma crise de identidade nacional. No Brasil, por outro lado, essas teorias biosociais foram

²⁰ Ver: COLLING, Ana Maria. “A construção histórica do corpo feminino” In *Caderno espaço feminino*, v. 28, n. 2, pp. 180-200, 2015.

utilizadas para justificar políticas de branqueamento e exclusão racial, em uma tentativa de alinhar o país com as noções europeias de progresso e civilização.

Esses exemplos apontam como as ideias científicas, embora não sejam neutras, são frequentemente moldadas e utilizadas conforme as necessidades e interesses de grupos específicos. Mais importante ainda, lembram que as ciências sociais e naturais estão intrinsecamente ligadas às estruturas de poder, e que suas aplicações podem ter consequências profundas e duradouras para a sociedade. A história dessas teorias constitui, portanto, um convite à reflexão crítica sobre o papel da ciência na sociedade contemporânea, especialmente em um momento em que questões sobre raça, identidade e poder continuam a ser centrais nos debates públicos.

Por fim, as lições aprendidas com o passado devem estimular uma análise das ideias e práticas científicas na sociedade atual, especialmente quando aplicadas ao âmbito social. É necessário reconhecer o potencial de distorção e instrumentalização das teorias científicas e desenvolver uma vigilância crítica para assegurar que o conhecimento produzido traga benefícios para a justiça e a equidade, em vez de perpetuar desigualdades.

O atual “labirinto social” é uma continuação das complexas interações entre ciência, ideologia e poder que foram plantadas no passado. A compreensão dessa continuidade é crucial para que se possa navegar por ele de forma mais clara, promovendo um futuro que, ao contrário do passado, seja construído sobre os pilares da igualdade, da dignidade humana e do respeito à diversidade.

REFERÊNCIAS

- ALLEN, Garland E. “Mendel e a genética moderna: o legado para hoje” In *Endeavour*, v. 27, n. 2, pp. 63-68, 2003.
- BOLSANELLO, Maria Augusta. “Darwinismo social, eugenia e racismo “científico”: sua repercussão na sociedade e na educação brasileiras” In *Educar*, n. 12, pp.153-165, 1996.
- CAMPOS, Álvaro de. *Ultimatum*. Porto: Editorial Cultural, 1951.
- COLLING, Ana Maria. “A construção histórica do corpo feminino” In *Caderno espaço feminino*, v. 28, n. 2, pp. 180-200, 2015.

- DARWIN, Charles Robert. *On the origin of species by means of natural selection, or the preservation of favoured races in the struggle for life*. London: John Murray Albemarle Street, 1859.
- FOUCAULT, Michel. "Direito de morte e poder sobre a vida" In FOUCAULT, Michel. *A história da sexualidade: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1997.
- GALTON, Francis. *Inquiries into human faculty and its development*. Londres: Macmillan, 1893.
- GIESBRECHT, Daniel Florence. "Racismo e xenofobia contra imigrantes Japoneses - o poder legislativo Brasileiro como instrumento de exclusão" In *Biblos*, n. 9, pp. 447-468, 2023.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Lettres sur les sciences de la nature*. Trad. J. P. Lefebvre. Paris: Éditions Sociales, 1973.
- MATOS, Patrícia Ferraz de. "Aperfeiçoar a 'raça', salvar a nação: eugenia, teorias nacionalistas e situação colonial em Portugal" In *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, v. 50, pp. 89-111, 2010.
- MBEMBE, Achille. *Necropolítica: Biopoder, Soberania, Estado de Exceção, Política da Morte*. São Paulo: N-1 Edições, 2018.
- NUNES, João Paulo Avelãs. "Darwinismo social e antissemitismo: o caso português" In *Cultura, Espaço & Memória*, n. 5, pp. 117-132, 2014.
- PATRÍCIO, Miguel. "Do Ultimatum de 1890 ao Tratado Luso-Britânico de 1891 - ensaio de história diplomática" In *Revista do Instituto do Direito Brasileiro*, v. 2, n. 10, pp. 11371-11413, 2013.
- PEREIRA, Ana Leonor. *Darwin em Portugal: filosofia, história, engenharia social (1865-1914)*. Coimbra: Livraria Almedina, 2001.

- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SPENCER, Herbert. *Principles of Sociology (Vol. I)*. New York: D. Appleton and Company, 1897.
- TURDA, Marius; GILLETTE, Aaron. *Latin eugenics in comparative perspective*. London: Bloomsbury, 2014.
- VAQUINHAS, Irene. "O conceito de decadência fisiológica da raça e o desenvolvimento do desporto em Portugal (finais do séc. XIX/princípios do séc. XX)" In *Revista de História das Ideias*, v. 14, n. 14, pp. 356-388, 1992.
- WEBER, Maria Julieta. "Pensamento Eugênico e Educação: Princípios Formativos da Nacionalidade Brasileira na Primeira Metade do século XX" In *Poiésis*, v. 16, n. 29, pp. 55-72, 2022.
- WILLIAMS, Raymond. *Cultura e Sociedade: De Coleridge a Oewell*. Petrópolis: Editora Vozes, 2021.